

Entrevista pela Espanha



Mestre Rabolú

Livros da Gnose



ATENÇÃO:
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA!

Favor difundir esta Obra pelo mundo...
“Livro para Fins Didáticos, sem fins lucrativos.”

PARTE ESOTÉRICA

Mestre Rabolú - ... que os outros Regulamentos, como não influíam na psique das pessoas, fazendo-lhes ver a necessidade que temos de trabalhar; pois, estes me tocou adapta-los dessa forma, um pouco duros; porém, é par obrigar as pessoas a que trabalhem. Não?

Porque, a verdade é que em nenhuma parte estão trabalhando, nem aqui na Colômbia, nem em nenhuma parte. E eu afanado. Pois, estes Regulamentos foram feitos um pouco drásticos, para obrigar as pessoas; não pelo mal do Movimento, senão para obrigar as pessoas, porque eu não busco as quantidades, senão busco gente que comece a trabalhar.

Notem! Porque não me desencarnaram desta vez? Estive desencarnado um 5 ou 10 minutos. Por não haver um substituto responsável para deixá-lo em meu lugar. Desencarnaram-me. Eu estive

mais ou menos 10 minutos nossos, não?... desencarnado. Então todos me viram desencarnados e eu estava fora do corpo, desconectado do corpo físico. Em outras dimensões, na quinta dimensão. Então passei à outra dimensão superior, para apreciar verdadeiramente a parte divina. Bem, eu estava feliz. Dava graças às hierarquias, à Deus. Achava-me como louco de contento por me ver já desencarnado, fora desta prisão que é o corpo físico.

Quando me conectaram outra vez, eles viram que não havia um que me substituí-se. Ou seja, muita gente com desejo de me ver substituir no meu cargo; porém, responsáveis não existem. Pessoas que tenham trabalhado, que busquem verdadeiramente, que já tenham certo grau de consciência, não existem. Então, quando eu voltei ao meu corpo, deu-me tristeza de me ver outra vez no mesmo cárcere.

Então, fui ao Tribunal e lhes disse: Porque não me haviam deixado desencarnado? Porque?

- Se nos mostra o senhor um responsável que se encarregue de sua Obra, tal como a veio desempenhando, nós o desencarnaremos.

A quem assinalava eu? A quem ia assinalar?

Então tive que me agüentar e estou agüentando o “caramelo” aqui, com este corpo físico que, para mim, é um pesadelo francamente. Já é um pesadelo o corpo físico. Porém, que faço? Pelo Bem da Obra tenho que me agüentar. Pelo puro bem da Obra! Porque, a verdade é que não necessito estar aqui, com este corpo físico. Porém, cabe-me resignar-me, te que haja uma semente que germine e essa germinação é à base de trabalho, Três Fatores, indispensavelmente.

Que os senhores falem por aqui, comum gnóstico aqui – na Colômbia – não? É maravilhas! Porém, vamos aos fatos. Nada! E assim está em todas as partes o Movimento. Muita fala, fala. Muito discurso no ar! E fatos? Nada! Quando vamos olhar os fatos, não existem.

001 – Estes Regulamentos quem os elaborou?

V.M. – Minha pessoa em união com a Junta. Porém, eu dirigi estes Regulamentos, por motivos já da emergência que há no Movimento Gnóstico, que surja gente que comece a trabalhar. Este foi o motivo pelo qual se elaboraram estes regulamentos, para ver se pomos as pessoas entre “a espada a parede”. Que trabalhem! Não é outro o motivo desses Regulamentos, senão pôr as pessoas contra a parede. Trabalham ou se vão.

002 – Então, uma pessoa que reacione um pouco aos Regulamentos, realmente o que se deveria propor, seria que, ainda que no momento dado tenha algumas dúvidas, porque não compreenda melhor, por sua razão ou sua mente intelectual, coisas, digamos, sujeitar sua obediência para o trabalho e encarrilhar-se neste caminho para...

V.M. – É que olhe, eu vi isto: Eu fui um dos discípulos que molestei menos ao Mestre Samael em questão de perguntas. Eu o escutava. A maior parte das coisas não as entendia, porém, dizia: Se me ponho a trabalhar, adiante as entendo. E assim veio sucedendo.

No trabalho vamos descobrindo tudo isto; porém; é que queremos com mente solucionar o problema. O problema está na falta de trabalho. Quando começarmos trabalhar, tudo, tudo é entendido; vamos descobrindo por nós mesmos. Então vem a Sabedoria autentica que cada ser humano deve desenvolver.

A sabedoria é muito individual, porque a sabedoria nunca, jamais, foi dada em público, temos que descobri-la nós mesmos e então, essa sim, é a sabedoria a que vamos descobrindo por meio do trabalho.

Com isso é que nos temos que preocupar agora. Porque já, nestes momentos, a terceira guerra já entrou em ação. Não é tempo de seguir tagarelando, perdendo o tempo. Temos que nos dedicar caldos, em silêncio, a trabalhar cada um, porque as Hierarquias, por exemplo, não nos vão ter em conta os discursos ou todo gente que se tenha chamado às fileiras e ao Movimento, senão seu trabalho. Qualifica-nos pelo trabalho. Senão temos trabalhado, pois, não valem nada!

Notem isto que me disse o Mestre Samael pessoalmente, no México. Disse-me:

- Joaco, tenho anotado num livro que tu és o missionário que fizeste entrar mais gente no Movimento gnóstico. Se de todos estes milhares e milhares e milhares de estudantes que entrarem por conceito teu no Movimento, se se libera-se um desses, tu estarias liberado também.

Ou seja, que me quis dizer o Mestre? Não havia feito nada. Não havia feito nada! Por que? Porque não tinha labor dentro de mim. Não tinha trabalho. Quando isso... Essa foi a primeira vez que estive no México.

Ou seja, o que vale ante as Hierarquias não somos nós, senão é o trabalho. Aí isso nos define... O trabalho! De modo que é necessário dedicar-nos a trabalhar, porque agora vem a cumprir-se aquele símbolo da Arca de Noé, nesta terceira guerra. O oxigênio é envenenado, não? Porque há explosões de bombas químicas e atômicas.

003 – Já mesmo? No que estamos vivendo agora mesmo? Já?

V.M. – Já, já. Isso a qualquer momento pode explodir. Isso já! E, então, a energia transmutada em nós, é muito mais potente do que a atômica. Então, ao inalarmos esse oxigênio envenenado, não produz efeito naquele que tenha despertado seu Fogo Sagrado. Essa é a Arca de Noé. “Arca de Noé”. “Arca”. “Arcano”.

Salvaram-se casais. Veja aí o símbolo do arcano. Salvaram-se casais, claro! Todos aqueles animais que vemos que embarcaram - que as religiões desfiguram – porque inda temos elementos psíquicos. Isso quer dizer que os animais esses que embarcaram, que não sei quê; porém, sempre são os casais os que conseguem embarcar na arca. A arca é o arcano.

004 – Com respeito isto, existem muitas pessoas que são solteiras dentro do Movimento, e pelo suposto uma das coisas que mais anelam é o cônjuge. Então, porque não vem o cônjuge para essas pessoas?

V.M. – Veja! Muitas vezes somos tão exigentes, tanto a mulher quanto o varão, que querem conseguir – se é o varão – uma santa, cheia de virtudes. E a um diabo, que lhe dão? Uma diaba! Isso é o que merecemos. E para a mulher, o mesmo. O importante disto é que aceitem o arcano, a transmutação. Isso é o importante. O demais vai saindo de acordo com o trabalho.

Isto o discuti com o Mestre Samael uma vez que me disse que dos ateus, de quê não sei que, que há pessoas que não querem crer. Disse-lhes:

- Veja, Mestre, pra mim não há ateus.

- Sim, há pessoas...

- Sim, há ateus momentaneamente, que negam o Cristo, negam todas as Hierarquias, porque não lhes mandaram uma dor. Quando lhes mandam uma dor, uma apuro, são mais rezadores que nós e mais crentes do que nós.

Assim é. No arcano, no trabalho com os Três Fatores; vão se formando os casais; vão se compreendendo; vai nascendo aquilo que se chama Amor. O importante é aceitar o trabalho.

005 – Porém, se não existe atração entre as duas pessoas, é impossível que possam...

V.M. – É que dois egos não podem. Isto me dizia o Mestre um vez que lhe chegou u,m carta da Costa Rica. Estava eu lá no México. Disse-me:

-Olha, Joaco! E lhe mandavam uma fotografia de um moça; um tipo lhe escreveu se essa era sua alma gêmea. Então me disse;

- Peque, Joaco, essa carta e olhe a fotografia.

Li a carta e disse – como sou espontâneo de minhas coisas – disse-lhe:

- Veja, Mestre! A mim que cai gordo isso das almas gêmeas. Disse-me:

- Não! Porém existem.

- Eu não estou negando que não. Porém, que ganho eu com encontrar com minha alma gêmea? Se encontro é uma legião, e duas legiões poderão viver em santa paz? Haverá amor? Disse-me:

- Não! Disse-lhe:

- Para mim, a alma gêmeas é um homem e uma mulher que comecem trabalhar com os Três fatores e daí surge o Amor, a compreensão e tudo e temos paz dentro de nós. Enquanto estejamos vivos psicologicamente, não haverá paz, não há alma gêmeas, porque a alma gêmea é uma legião, e nós somos outra legião...

006 – Não obstante, o Mestre Samael dizia que para que o fogo desperte fazia falta que existisse o sacramento da igreja de Roma (Roma ao inverso se lê amor), que havia casais que levaram vinte anos no Movimento com o arcano e que não despertavam o fogo, porque lhes faltava isso. Não? Que se uniam...

V.M. – É logo que não se vi par contrariar. Sempre que haja certa afinidade. Não? Porém, afinidade por completo não.

007 – Porém, que tem que se gostar, pelo menos, essas duas pessoas.

V.M. – Bem, sim. Isso é lógico; que haja um princípio de amor. Que haja um princípio.

008 – É que se pode dar o caso de que agora, bem, pois digam as pessoas: é preciso correr porque temos que despertar o Fogo. E comecem pegar e “vem, tu que é solteiro, tu que é solteira” para se juntar!

V.M. – Não, não! Isso tampouco! Isso tampouco! Deve haver certa afinidade. Um princípio que seja. Um princípio.

009 – E quanto ao sacrifício pela humanidade, Mestre, ali na Espanha, não sei, parece-nos em geral que estamos muito estancados. Não chegamos a muitos lugares da nação; os grupos são muito pequenos. Muitas vezes, às nossas atividades públicas e as conferências vem muito pouca gente. Imagino que haverá parte de culpa nossa; parte, quiçá, de culpa da gente. Na nova situação mundial e nestes Regulamentos, também novos, pode mudar esta situação?

V.M. – É que, veja, agora aquele que entra no Movimento, já com estas guerras que temos, pode se dizer, em cima, vai mudar tudo, porque aquele que entra, entra para praticar. Por isso a guerra é necessária para o Movimento Gnóstico. É uma urgência, porque aí sim, podemos esperar frutos. Aquele que entra, entra para trabalhar. Não para perder o tempo.

010 – Portanto, nós, em vez de, diríamos, ter medo ou atirar-nos para traz, teríamos ao contrário, que abrir mais.

V.M. – Muito mais! E quanto mais cresça a guerra – porque isso vai crescendo gradualmente, vão se juntando mais países aí – teremos que nos expandir por todas as partes. Porque não se pode julgar uma pessoa a quem não tenha chegado o conhecimento. Para julga-la, tem que lhe haver chegado o conhecimento, ainda que o tenha desprezado; do contrário não se pode.

Assunto dos Regulamentos: Não se ponham a interpretar. Agora, a mente e a imaginação não tem um limite, porque não tem capacidade de compreender a parte esotérica, não tem capacidade; é muito limitada. Então, o que interessa nestes momentos: garantir-se, orientar-se pelos Regulamentos e comecem seu trabalho.

011 – Quiçá é que não tenhamos o verdadeiro sentido da responsabilidade?

V.M. – Claro! É que não existe responsabilidade ainda.

012 – Há muitas pessoas que dizem: - “eu não posso assistir porque meu trabalho não me permite, porque tenho estas coisas.” E, quem sabe, não nos tenhamos realmente feitos responsáveis daquilo que é o trabalho. Estas justificativas que estas pessoas estabelecem...

V.M. – Bem! É preciso equilibrar. O desequilíbrio em nós, é que nos mantém assim, mal! Equilibrar. O trabalho material é necessário para poder subsistir. Cumprir com suas obrigações aqui, no mundo tridimensional. Porém é preciso saber repartir o tempo com o espiritual.

Veja esta frase que é explorada pelas religiões: O dízimo e primícia. Exploram-na as religiões, porém economicamente. E o dízimo é Deus. Primícia, primeiro. Ou seja: Primeiro Deus. O demais vem por acréscimo. Agora, temos que saber repartir o tempo; tirar a parte espiritual ao tempo, porque não se pode suprimi-lo; então nos tomaríamos uns malandros, piores do que somos. Temos que repartir o tempo.

013 – Estes Regulamentos é uma necessidade para nós?

V.M. – É uma necessidade para ver se assim começam verdadeiramente a trabalhar.

014 – E temos que aplica-lo igual a todos os países?

V.M. – Aplica-lo! Por exemplo, advirto-lhes isto: Pode se fazer exceções que não estão figuradas aí. Porém, por exemplo: Uma pessoa que por uma viagem deixou de assistir, essa é uma exceção. Uma enfermidade, exceção, não? Um estudante que precisa estudar de noite, é uma exceção. Então se os ajuda; acomoda-se, para que possam assistir quando possam.

015 – Neste aspecto estivemos falando, antes, com a Junta daqui e nos disseram que haviam feito que ia anexa ao Regulamento Interno sobre esse tipo de coisas. Também poderíamos nós tê-la em conta?

V.M. – Sim. É que nosso problema é mundial. Não? Em todas as partes. Então os senhores as têm. Oxalá todos os países tirem essas exceções. Claro!

016 – Sobre isso lhe queria comentar o seguinte. Nós trazemos aqui todas essas perguntas que nos deram. E então, pelo que estamos vendo, quem sabe, vemos que não é necessário fazê-las. Quem sabe alguma sim? Não?

V.M. – Vamos ver. Temos que tratar de levar estes Estatutos e Regulamentos para lá e cumpri-los. Logicamente imagino que haverá algumas coisas que não correspondem com Lei de lá; por isso; teremos que adapta-los.

Isso se adapta de acordo com o país, às leis do país.

017 – Porém, somente aquelas coisas digamos judiciais, legais...

V.M. – Isso! Correto!

018 – ... que não correspondem com o Regulamento...

x.

Mestre Rabolú – ... Observem que a obediência é a primeira virtude que olha a Loja Branca no estudante. A obediência. A nós nos provam a obediência a torto e a direita; as Hierarquias por todos os lados nos provam a obediência, porque é uma virtude que é exigida pela Loja Branca.

x.

Mestre Rabolú- A mim me aconteceu isso também muito, de que nos dá pena, nos complexamos, complexo que criamos diante dos demais, que acreditamos que são superiores e todas essas coisas, que vamos sair mal.

Eu, um vez, do Mestre Samael me complexei, na primeira viagem, não? ... Dava-me uma repreensão grandíssima por isso. Ele me repreendia, porém, fortemente. Dizia-me:

- Estuda tal capítulo de tal livro.

Ja eu esmiuçava-o bem, não ao pé da letra, sena o que não havia compreendido do capítulo. Eu tirava uma síntese, ia ao escritório do Mestre:

- Bem, Mestre, já...

- Mantinha um quadro de giz grade aí.

- Bem, passa ao quadro!

- E Ele se sentava assim, cruzando os braços.

- Passa ao quadro e explica-lhes o que entendeste.

Vejam, parecia que me haviam tirado, assim, tudo. Não dizia, “mamãe” de assustado. Vejam, ficava pasmo. Pasmado! Eu não dizia nada. Imaginem!...

- Aqui estou. Imaginem que eu sou o público que tu me vais dar uma conferência do que aprendeste desse capítulo.

- Não, não dizia nenhuma palavra, complexado. Enquanto não fiz este esforço de espulsar esse complexo, eu não pude eliminá-lo! Disse:

- Quem é mais que quem? O Mestre é Mestre, porém, Ele tem que ver que eu sou seu discípulo e tenho porque errar.

E até que eu não botei esse complexo, eu não pude.

E assim acontece com a gente diante dos instrutores:

- Passe, fulano, ao fogueio! E esse é um complexo. Devemos começar e falar o que mais ou menos entendemos. Já! Sem complexo nenhum. Quem vai comer a gente?

Esse complexo o tinha eu, porém, fortemente. Porém, dava até riso, ou dá riso.

Quando no Panamá, fiz propaganda pelos jornais e pelo rádio, quando eu ia para o México e ouvia as notícias e via no jornal o convite para as conferências públicas e todas essas coisas. E sabe o que dizia eu por causa do complexo? Dizia:

- Ai, Virgenzinha! Ai, Pai meu! Que não venha ninguém! E era quando enchia o auditório. Era quando mais se enchia. Porém, puro complexo. Puro complexo nosso. É preciso expulsar isso. Isso é prejudicial.

019 – Bem. E a outra parte, Mestre? De que haja pessoas de que realmente, afastem as pessoas porque realmente não estejam fazendo bem?

V.M. – Como? Como?

020 – Que dêem uma conferência e as pessoas não ficam porque não lhes chega; não lhes chega. O que o instrutor diz não lhes chega, e as pessoas se vão.

V.M. – Bem! Há conferencias que não agradam muito ao público. É preciso buscar sempre, escolher as melhores conferencias para o público, assim, pra começar um grupo.

021 – A Lei como está com respeito a isso? Perdoa muito os erros que cometemos?

V.M. – E, se não perdoasse, não ficávamos nenhum.

022 – Então, vale mais seguir para adiante.

- Mestre, venha pra que veja que já terminamos o trabalho, para entregar-lhe o trabalho.

Foi. Foi comigo e o outro irmão meu estava lá esperando. Observou e olhou por todas as partes; o salão, por todos os lados. Bem, disse:

- Maravilhoso! Terminaram. Tenho por antecipação, ordem para que passe – o irmão meu – a uma câmara para receber uma iniciação que ganhou. E o senhor, como não trabalhou, veio perder seu tempo e não sei que, e ...

Bem, me pegou! ... Porém, se tivesse sido assim, falando como estamos. Porém, era que já me pegava, sapateava, como quem diz; Estou cheio de ira. Disse-lhe:

- Bem, Mestre! Porém, sim, eu não entrei aqui na Gnose para ganhar iniciações nem graus, senão eu entrei para pagar toda a maldade que fiz. Eu no que quero é pôr-me em consonância com a Lei. Ele me disse, me contesta:

- Sim! Muito boa sua teoria, porém, vá! Que está fazendo aqui! O senhor não serve aqui! Paragnóstico não nasceu você. Você nasceu para que semeie mandioca e café e bananas na terra!

Sai e me fui. Coloquei as ferramentas no ombro e em casa me parou a mulher. Chega a mulher e:

- Que aconteceu?

- Não, já terminamos.

- E Inácio?

- Passou a uma câmara para receber uma iniciação que ganhou.

- E você, o que?

- Não. A mim me despachou.

Disse-lhe o que havia dito o Mestre. E se disparata ela falar, a falar. Eu calado. Quando já vi que ela estava passando da medida em falar, disse:

- Um momento! Eu fui que me rebentei os pés, as pernas com pedras e maneí sangue. Você não tem porque falar. Com que autoridade fala você? Se era eu que deveria estar falando e não estou falando?

Bem! Deixou-me quatro dias o Mestre, vigiando-me dia e noite os pensamento e tudo. Dia e noite em vigilância para ver que reação mental teria e aí, sim, teria perdido tudo. Se eu tivesse reacionado contra a Gnose, tivesse duvidado do Mestre ou algum coisa, perco tudo. Tudo teria perdido. Aí sim, teria que retirar-me de verdade, de verdade. Porém, não! Eu não tinha nenhuma reação, nem de inveja contra o irmão meu, nem contra o Mestre, nem contra a Gnose. E passei por esta prova. Passei. Depois, aos quatro dias, foi que me veio falar o Mestre.

De modo que, dêem-se conta vocês como é isso. Isso se o faço a uma pessoa, a outra pessoa... Vejam, o normal é que me xinguem a mãe e se vão, não agüentam.

029 – Não estamos preparados par isso?

V.M. – Sim. Temos que nos preparar e ter sempre um meta a seguir e um interesse pelo qual se entrou no Movimento. A mim me salvou muito, nesta prova, foi o interesse que eu... eu me senti o pior de todos; o tipo mais malvado dos discípulos do Mestre, me senti eu. E eu devo muito carma, pois começo a pagá-lo. Então, isso me favoreceu.

Eu não tinha interesse por iniciações nem por graus, nem por nada disso, senão cancelar as dívidas que eu tinha. E eu sabia que não me devia, senão eu era o que devia e isso me favoreceu muito, muito. Foi a base para mim, para sair dessa prova... Não havia inveja nem contra meu irmão. Não! Eu não senti nada! Fiquei o mesmo, tranqüilo. Isso me salvou muito, porque eu não entrei para receber graus nem encher o peito ante o público. Não! Devo, pago!

Essas coisas brabas. Agora, no interno nos provam a obediência a torno e direto, por todos os lados. É uma disciplina continua. Continuo; isso é contínuo, para fazer coisas impossíveis, que nem mil pessoas são capazes de fazer e o mandam a o sozinho para ver. Se se discute: “Veja, que eu não posso, que não que...” já a perdeu. Então, vamos obedecer o que nos mandaram; façamos a tentativa e ponhamos de lado o que quer que seja. Não pôde? Porém, faz-se a tentativa. Bem, isso é o que Eles nos olham.

030 – A tentativa? A luta?

V.M. – Sim. Não nos pormos a discutir, senão a obedecer. Coisas impossíveis que não podem ser feitas por ninguém, porém, no-las mandam. Por isso é que a obediência no-la provam em todo o sentido. Em tudo! Uma disciplina concreta. Nós, nos mundos internos, temos que começar a disciplina aqui, traçar-nos a nós mesmos a disciplina, para poder sair bem lá.

031 – Como anda o Movimento no interno?

V.M. – O senhor tem e todos temos uma quantidade de “defeitozinhos” pequeníssimos.

032 – E grandíssimos.

V.M. – Não, não! Falemos dos pequenos que são mais perigosos ainda. Os pequenos. Porque não cremos que é um eu, não cremos que é um defeito e não lhe damos bola e... Mentiras! São esses o que nos fazem meter os és pelas mãos no interno, quanto à obediência e tudo!

033 – Como, por exemplo, quais seriam?

V.M. – Não escutar, por exemplo, um conselho. Ah! Esse bobo, que não sei quê, que sei quanto. Temos em mente o que vamos fazer e o outro nos dá um conselho: “Veja, que não sei quê. Ei, tanto, que não sei quê!” E, assim, detalhes bobos, coisas insignificantes, sobre os quais não pomos cuidado.

Eu me venho traçando uma disciplina, sobre esse particular, faz muitos anos, porque o descobri que por aí falhava e aí vou. Ainda não posso dizer que estou polido. Porém, nós mesmos nos traçamos um disciplina diária, na questão dos detalhes bobos que temos, que não lhes pomos cuidado. Isso é muito importante. Importantíssimo! Porque um defeito grave e todas essas coisas grandes, dizemos: “Bem, enfrento-o!” E ao pequenino não lhe damos bola e esse nos vem trombar.

034 – E pode ser que, as vezes, alguém esteja lutando muito contra um grande e por descuidar dos pequenos, esteja falhando, depois, também com o grande!

V.M. – Falha! Falha o grande também! Então, temos que começar por nos irmos polindo. Dizem-nos os Mestres: “Temos que dar duro com o martelo no cinzel.” Ou seja, ir-nos polindo. Isso no-lo dizem.

De modo que é que temos que dar bola a todo detalhezinho nosso, diariamente temos que... Uma mentirazinha, uma mentirazinha pequenina essa vai contra o Pai. Toda mentira é contra o Pai. Então o Pai se afasta. Não lhe entrega segredo nem nada, porque, na boca de um mentiroso que segredo lhe vai entregar o Pai? Nada! Nem a Mãe! Vai se afastando. Damos bola aos defeitos grande e os pequeninos os deixamos. E os pequenos nos derrubam mais facilmente! Mais facilmente. De modo que falar mal de outro... Quem somos nós para pôr-nos a julgar a outros?

035 – E criticarmos um Mestre ainda é pior?

V.M. – Sim. De modo que, pois, assim, milhares de detalhes. Muitos! Pomo-nos em meditação para nos darmos conta de todos esses detalhes e eles nos saem como formigas e nós não nos damos conta.

036 – Damo-nos um martelaço, na cabeça para ver se a abrimos?

V.M. – Não, com um martelaço na frente, se se dá na frente, desperta a clarividência em seguida. Fica-se vendo estrelas. Eu não sei em que parte foi, se foi na Colômbia ou em outro país. Disse:

- Quem quer despertar? Que lhe despertem a clarividência momentaneamente? Isso, voando! Tragam-me um martelo de mentira como dizem aqui, para dar na frente, e ficam vendo estrelas de uma vez.

Olhe, o Mestre interno e as Hierarquias tem o poder de nos despertar todos os centros e tudo em nós, porém, não o fazem porque temos que ganha-lo com bastante dor e sacrifício para que apreciemos isso. Porém, eles podem instantaneamente despertar-nos as facultade, mas então não o fazem, porque cuidamos daquilo que nos custou muito sacrifício. Isso é o que se cuida. Não do que nos presenteiam e assim é a coisa.

Então temos que sofrer fartamente par despertar qualquer cento, ou ganhar qualquer qualidade. É sofrimento duro. Não porque as Hierarquias não possam fazê-lo; porque não o apreciamos então.

037 – Nós estamos muito mimados nesse sentido. Sempre vamos ao cômodo, ao cômodo; e qualquer coisa que suponha um sacrificio já o deixamos de lado e assim não chegamos a nenhum lugar.

V.M. – Não! Não! Não! Temos que apelar sempre ao super-esforço de que falava o mestre Samael, porque o esforço não serve. O esforço não serve. Super-esforço é quando não se pode mais e se tira um impulso daí para se sobrepor e fazer o que se tem que fazer. Isso se chama de super-esforço.

Imaginem que a mim, no Interno, por exemplo, me toca comandar um pelotão de soldados. Levo-os ao campo de trabalho, ao que se vai fazer. Chegam cansados, chego cansado:

- Bem, descansem os senhores! O senhor vai fazer tal coisa... – a mim - ... até que muitas vezes caio desmaiado o solo, já sem um átomo de força. Cair o solo desmaiado como um trapo. Porque aí nos esgotamos uma barbaridade de trabalho. Porém, aí nos provam para ver a obediência.

Aí não podemos dizer: “Veja, Mestre, eu estou cansado! Deixa-me um momento!” não! São militarmente as coisas, tudo militar. Até o uniforme é militar. Armamento, tudo é militar.

038 – No interno?

V.M. – Sim, escudo e tudo. Espada e escudo. Militar. Um exército.

039 – Porém, o Exército de Salvação Mundial ainda não...

V.M. – Não, não, não! Esse não é ainda mundial.

040 – Ainda continuamos sendo “as galinhas”?

V.M. – Está muito em embrião. Isso o disse eu ao Mestre com o mexicanos.

- O senhor o que tem é um exército de galinhas aqui. E durante uns quantos dias eu não podia olhar o Mestre porque me dava riso... E lho provei.

Dizia –me Ele que havia uns com 5, outros com 10, outros com 15 de consciência. E eu como não engulo contos, porque eu não engulo contos, a mim mo provam ou não o creio. Disse-lhe:

- Mestre, isso só vendo! É? Disse-me:

- Sim! Investiga as essências para que vejas.

Ceguei, investiguei as essências desses grupos. Eram criancinhas inda sem nascer, embriões. Então, no outro dia lhe disse:

- Veja, Mestre! Se não fosse por receber o Ensino diretamente aqui, do senhor, já me ia.

- Porque? Disse-lhe:

- Que essências maduras? Quais? Se são embriões? Disse Ele:

- Isso mesmo. Record, Joaco, quando eu escrevi que ia para a Colômbia outra vez? Disse-lhe:

- Sim. Isso me sucedeu quando investiguei as essências daqui. Embriões verdes!

- Bem, então já me fala da Consciência dessas... E lhe digo:

- Bem, prova-me isso, Mestre com fatos. Os fatos tem que demonstrá-lo.

Passaram-se os dias como um mês e quando uma vez fui a uma Terceira Câmara com o Mestre... ninguém! Nenhum de todos os que Ele me havia afamado que tinham tanta Consciência. E me disse:

- Joaco, isto está... caramba! É a primeira vez que acontece isso! Eu disse:

- Bem, algo grave acontece.

Quando o genro dele, Tony... todo mundo com febre na cama, e fomos ver Tony. E nos conta que haviam metido uma bruxa no Santuário sem consultar o Mestre nem nada. Uma vampira que lhes fazia tirar as camisas, as camisas e lhes chupava os centros e lhes tirava a energia por aí, pela espádua, pela coluna, por todos os lados. Por isso mandou todos para a cama. E me disse:

- Joaco! Isso é grave! Disse:

- Mestre, porém com as pessoas conscientes, com essa porcentagem de consciência como a que o senhor me disse que tinham, pessoas com essa porcentagem não cometem uma animalada dessas.

Então me olhou e deu risada. Ah! Porque lhe provei com fatos que não haviam nenhuma consciência nessa gente. Com fatos. Os fatos o demonstraram.

Fez uma carta de expulsão e foi dá-las a vários deles. Nenhum quis. Tiveram medo da bruxa, da velha essa. E disse:

- De-ma eu vou e a levo. E me disse:

- O senhor vai?

- Claro! Uma e mil vezes que me toque. Dê-ma! E fui, e entreguei a carta de expulsão à velha de lá. Uma vampira, e haviam deixado meter-se aí e ela era a que mandava no grupo de lá. Uma pessoa com Consciência não faz isso e assim o disse na frente do Mestre. Não, não! Eu não! Nunca engoli contos. Ou os engoli? Nunca!

Quando Julio Medina, não sei o que me disse o Mestre lá, no México, e então lhe digo:

- Eu não creio! ... que Julio Medina se tenha arrependido, foi o que me disse. Disse-lhe:

- Eu não creio!

- Tu não crês no Mestre Garga Cuichines? Disse-lhe:

- Um momento, Mestre! Um coisa é o Mestre Garga Cuichines e a outra coisa é Julio Medina. Eu não confundo a matéria com o espírito nunca.

E então Ele me disse:

- Tens razão! O Mestre Garga Cuichines é um mestre que merece todo respeito e a obediência. Porém, Julio Medina não. Julio Medina é o burro brincalhão e em Júlio Medina eu não creio.

041 - Porque se produz esse fracasso?

V.M. – Porque o Mestre não tomou o tîmão do corpo. Então o burro ficava à parte do espírito.

042 – E é que não interessa que não interessa à Mônada a Maestria?

V.M. – Não! Quando escolhem o caminho da espiral, não lhes interessa a Maestria; à Mônada não lhes interessa a Maestria.

043 – Porém, como? Que Júlio Medina escolheu a espiral?

V.M. – A espiral. Seguem como Dom Raimundo e todo mundo.

044 – Porém a Mônada, digamos, segue na espiral, porém o Boddhisattwa cai, está caído?

V.M. – Cai, sim. É que Julio Medina não se levantou nenhuma vez. Não, não, não! O Mestre ultimamente me disse que Julio Medina não havia transmutado a energia; não havia acabado com nenhum defeito; não havia exercido o sacrifício pela humanidade, senão, havia sacrificado ainda mais a humanidade, explorando-a.

045 – Porém, isso, porque seu Ser Real estava ausente dele?

V.M. – Claro, estava ausente! Agora, depende da força do Mestre também. Há Mestres que se manifestam muito – como lhe digo – muito passivamente; muito mor e muita coisa, muito misticismo. Então estes deixam rodar o veículo facilmente. Não é como aquele que seja de “tomar armas” duma vez.

046 – Sempre depende do Ser Real?

V.M. – Sim, depende. Claro!

047 – Então não se pode colocar a culpa em nós?

V.M. – Não! Preguiça sim. É que, olha, não há coisas impossíveis para nós, senão que somos nós que nos deixamos levar pela preguiça. Eu me recordo que comecei a Gnose. Comecei a praticar para me dar conta se era certo ou não era certo o que estava ensinando o Mestre.

Comprovei o que é a Gnose, a saída astral consciente e todas essas coisas. Depois fui investigar o Mestre. Se era um verdadeiro Mestres ou era um palhaço por aí. E o conheci e lhe pedi provas. Aí mesmo lhe pedi:

- Dê-me provas da sua Maestria? Eu o disse na quinta dimensão: Dê-me provas de sua Maestria!

- Sacou da espada e era de puro Fogo! Ante isto temos que nos inclinar porque somos demônios. Que fogo, nem que nada! Então já comecei eu a não a seguir o Mestre, senão, com mais impulso a praticar.

048 – Porém, o senhor era um Boddhisattwa!

V.M. – Todo mundo é Boddhisattwa. Todo mundo, sem exceção. Os senhores crêm que são de ontem de tarde? Não! Os senhores são antiqüíssimos todos! Claro! E agora escolheram o Ensino; porém, em quantas viagens terão escolhido o ensinamento? Que trabalho poderão ter adiantado?

049 – O problema é que, se estamos agora tão mal como estamos, isso quer dizer que perdemos com o tempo?

V.M. – Não! O que se ganha, se ganha. Quem roda é o Boddhisattwa, porque o Mestre sempre tira os extratos anímicos do trabalho positivo do que fizemos e Ele o assimila e que rode o burro. Que

rode o burro! Ele não deixa perder o que se ganhou. De modo que é o burros o que roda. O Mestre não. O Mestre tira os extratos anímico. Assimila-os e isso fica aí.

Olhem, se os senhores começam a sair em corpo astral, começam a trabalhar sobre Três Fatores, conheçam o Desdobramento Astral, dar-se-ão contas... o primeiro que vão tirar da terra, porém nas outras dimensões, é seu instrumento musical que cada um, cada ser humano enterrou. Este instrumento pertence ao passado. De acordo com as notas e com o instrumento, tem sua categoria de Mestre ou o que seja aí, tocando o instrumento. E todos os temos enterrado. Temos que desenterrá-lo ali.

Recordo-me, não faz tanto tempo, ia comandando num pelotão do Exército de salvação, quando por intuição, passiva por um lugar, por intuição sabia eu que tinha que desenterrar uma simbologia que me pertencia e que já a havia ganho.

Meti-me a desenterrar uma Igreja. Uma coisa nunca vista aqui, uma coisa lindíssima nunca vista. Quando vêm os outros que iam comigo, começam, primeiramente, a por preço a essa coisa que, para nós não tem preço, segundo, começaram escavar, como a desenterrar, a tirar tesouros enterrados, cada um entesourado, adormecido a consciência com isso. Tocou-me seguir sozinho, porque com um punhado de adormecidos, que ia acontecer?

Note você, toda a sabedoria, tudo está enterrado em nós mesmos. Chega o momento em que se recebe uma ordem, por intuição, para desenterrar tal coisa, que já recuperamos outra vez.

050 – Se o senhor nos dá uma tarefa para sair em corpo astral e nós cumprimos com tarefa, sairemos?

V.M. - Claro!

051 – Pode dá-la?

V.M. – O importante é isto: que a maior parte dos casos como este podem cumpri-la; porém, quando voltam ao corpo física aí lhes ficou a recordação. Não se recordam de nada do que passou. Sempre é preciso despertar, abrir os olhos, sem se mover, e fechar os olhos e tratar de recordar. E se pode recordar bem tudo.

052 – Pode ser que haja pessoas, então, que se desenvolvam ali e não tenham nenhum tipo de recordação do que fazem?

V.M. – Sim. É que todo mundo trem que sair em astral, todo ser humano, toda a gente aqui, animais e tudo, e gente. Porque, ao voltar ao corpo físico... Prruumm! Uma desordem! Com só mover uma mão já se perdeu a recordação. Então temos que nos disciplinar em abrir os olhos. Vemos que já estamos aqui no mundo tridimensional, fecha-se os olhos, sem se mover e então se trata de recordar e aí se recorda tudo. É que até nisso... temos que nos educar nisso.

053 – Uma disciplina nesse sentido?

V.M. – Sim. Por isso lhe digo que a disciplina temos que no-la ir traçando. Por exemplo: Olhem como eu mantenho sempre uma mão agarrada em qualquer objeto, em qualquer coisa. Porque? Porque é uma disciplina que eu me tracei. Estamos em corpo astral, estamos, muitas vezes, recebendo um ensinamento. Não estamos agarrados a nada. Chegamos ao corpo físico, ele nos atrai. Prruumm! Aqui, como um foguete, perde-se o que se estava fazendo aí. As recordações, tudo!

Em troca, eu aqui, assim não estou fazendo força nenhuma. Porém, suponhamos que estou em corpo astral. O corpo físico me atrai e eu estou aqui, dando-me conta de que me está chamando o corpo físico por meio do cordão de prata. Sim! Por meio do cordão de prata – isso é como um telefone, falemos assim – damo-nos conta se a chamada é urgente ou não. Se é urgente, soltamo-nos e... Prruumm! Para baixo. E, se não é urgente, ficasse aí enquanto se deixe o corpo físico.

054 – Porque não se pode trazer matéria astral ao físico?

V.M. – As lei são diferentes. As leis são completamente diferentes.

055 – Porém, faz falta consciência para isso. Nós, como estamos, com uns 3%, como média, não somos capazes?

V.M. – isso que lhes estou dizendo é um ensinamento que podem começar de uma vez, de uma vez.

056 – Porque não nos dá uma tarefa concreta? Dizer: Senhores! Esta técnica ou este mantra, ou esta prática, façam-na diariamente para que fique gravada e nós, com esse novo incentivos, comecemos?

V.M. – Olhe! Eu com todos os mantrãs do Mestre pratiquei e para mim é um fato. Não me posso queixar de nenhum mantra desses que existem para o desdobramento; que me tenha falhado um. Porém, eu fui, como lhes digo, inquieto. Agradava-me investigar. Agradava-me avançar. Então, uma noite, eu me pus sem mantra nenhum: Vou ver como é que se sai do corpo, o que se sente, que transformação, enfim. E me pus em vigília, concentrado no coração, cuidando como saía e que se sentia.

O primeiro que senti foi como um correnteço elétrico no corpo, em todo o corpo, porque perdi a força, e aí nos pega o eu da preguiça. Esse é o momento oportuno que se consegue. Porém, se estamos em guarda, não nos acontece isso. Então senti esse desmaio. Depois, aos pouquinho, senti o motorzinho de que fala o Mestre, como um grilozinho cantando aqui. Eu continuava minha concentração no meu coração. Não me deixava levar para nenhum lado da mente. Quando senti “Rrrrrr”, foi estremecendo o corpo... “Psssss”... para fora.

057 – Pela glândula pNeal!

V.M. – sim, por aí se sai. Entra-se e se sai.

058 – Sempre?

V.M. – Sim, sempre. Sai, vi meu corpo onde estava. Se quisesse cobri-lo, cobria-o.

059 – Do astral se cobre o corpo físico?

V.M. – Sim. Como estava ainda na parte tridimensional pode-se cobri-lo ou toca-lo se se quer. Bem. Fiz essa saída muito bem. E comecei a praticar isso em ônibus e o fiz em avião por pura prática, a concentração, sem pronunciar mantra nenhum e a mim me dá uns resultados surpreendentes, surpreendentes.

Então, quando, numa viagem que eu fiz ao México, disse ao Mestre:

- Mestre, eu não ocupo os mantrãs seus para o desdobramento. Disse-me:

- E porque? É que não te servem?

- Não, não estou dizendo que não. A todos os provei, e me resultaram positivos, Não tenho nenhuma dúvida. Porém, experimentei isto, e isto e isto. Contei-lhe que por meio da concentração... Disse-me:

- Bem! Prossiga, isso é melhor ainda e ensina-o. disse-me: Ensina-o!

Porque, sempre, num mantra, se distraem um pouquinho, não é certo? Em troca, se os senhores se concentram no coração, todos os sentidos estão postos aí. Então não há distração, não há nada.

060 – No corço, como órgão físico, ou como Templo, ou em nossa Mãe Divina?

V.M. – Não, não. Como órgão físico. Tratem os senhores de vê-lo por dentro, por fora, suas formas, como palpita, enfim, como circula o sangue; enfim, todas essas coisas assim.

061 – Não daria o mesmo resultado se nos concentramos em nossa Mãe Divina?

V.M. – Pode dar o mesmo resultado. Pode. No Pai o mesmo.

062 – é que, quem sabe, pode ser mais fácil manter...

V.M. – Sim. Eu me concentro no coração e vou para fora. Eu não ocupo os mantrans. Não porque não sirvam, senão, nós devemos ter as nossas coisas.

063 – Também influirá nesse sentido, o estado de consciência durante o dia?

V.M. – Olha, durante o dia que faz a gente é identificar-se com uma paisagem, com uma moçinha bonita, com um jóia. Bem, com coisas que são feitas pelo tempo e que o tempo acaba com tudo. Porém, as pessoas ficam: “Ai, olha que não... que vestido tão bonito este! Quanto custará? Que não sei que...” aí fica! A pouca consciência aí fica.

Eu tenho este costume: eu saio a rua; saio para comprar alguma coisa, ou alguma diligencia. Vou para onde vou e para o que vou. Não me importa as vitrinas, não me importa o que seja, eu não me distraio nisso, em nada!

Olhem, tudo o que fez o mestre numa ida minha ao México. Disse-me:

- quero que conheças a torre Latino-Americano. Disse-lhe:

- Bem, vamos!

Desde que saí de casa, foi com a intenção de me adormecer a consciência. De me adormecer.

Olha, Joaco, que beleza! Olha que árvore! Olha que não sei quê, que não sei quanto. Porém, já me tinha como cansado.

Bem. Chegamos à torre. Disse Ele:

- Vamos subir piso por piso e veja as maravilhas e não sei que, dizia-me a subir um piso. Bem, com essa bulha do Mestre, eu olhava:

- Sim, homem! Sim! Está bonito, porém...

Por exemplo, dizia:

- Como te parece? Não está bonito?

Seguimos adiante, assim, até que... São 53 pisos parece-me que são. Já subimos à cúspide e olhamos para a rua e se viam os carros pequeninos e as pessoas como galinhas.

- Como te parece essa maravilha?

- Homem! Mestre! Está bonito! Disse-me:

- Porém, dá-me teu conceito! Disse-lhe:

- Bem. Vou dar-lhe meu conceito. Esta torre é uma beleza. Nestes momentos é uma beleza. Dentro de segundos pode haver um terremoto, um tremor de terra e se ir ao solo. Então, que foi feito da beleza da torre? Onde está a verdade da torre? Onde está? Mostre-ma, Mestre!

Então me abraçou e me disse:

- Acreditei que te a havia adormecido a Consciência. Porque foi meio dia que durou desde que saímos de casa. Foi me adormecendo a Consciência e não pôde. Não pôde, porque eu estou no que estou.

Olho as coisas. Por exemplo, esse agravador é um objeto de ouro. Eu não posso dizer-lhe que é muito feio. Não? Porque é bonito. Um metal ao qual nos damos o valor pela nossa ignorância, porque esse pedaço de metal em outro planeta é um metal bonito, tem-no por adorno; porém, não lhe dão o nosso valor. Então, tudo é feito pelo tempo. Que acontece? Um terremoto. Que foi feito de seu preço de ouro? Onde ficou seu valor? Desapareceu!

064 – Para que serve agora, não?

V.M. – Para quê? Assim, olhar todas as coisas do ponto de vista objetivo.

065 – Porém, isso também se pode fazer com a consciência adormecida?

V.M. – Claro! Claro! Se eu comecei com a consciência adormecida a me traçar uma disciplina, a olhar as coisas já deste outro ângulo.

066 – Trata-se de desapegar-nos de tudo?

V.M. – Sim. Uma mulher belíssima, por exemplo, uma rainha de beleza, que é? Dentro de 15 ou 20 nos é uma velha decrépita por aí porque está sujeita ao tempo e tudo que está sujeito o tempo, o tempo o acaba.

067 – Porém, temos que chegar a isso pela compreensão. Não se pode chegar porque se planeje, porque se diga: “O Mestre Rabolú, disse que uma mulher é isso!”

Mestre Rabolú – Aqui há dois equatorianos que vieram assim. Na semana passada estavam na Rússia, trabalhando. Sim, conseguiram fazer algo. Vieram quando estalou a questão. Disse:

- Bem, aguardem, porque vai ficar na situação de um país perigoso. Eu os mandei para o Equador e que trabalhem aí, enquanto vemos como marcham as coisas. Porém, eu vejo que isso está avançando.

088 – Não é o momento de ir à Rússia?

V.M. – De ordem não há nada. Já os ânimos estão quentes, como dizem aqui. Já, de parte a parte, o orgulho, a ira, estão em cima deles. Então a guerra vem porque vem. Não sabemos. Aquele que tenha mais medo em qualquer momento dado atira a atômica e mete as bombas químicas.

089 – Isso o do Golfo Pérsico?

V.M. – Sim, muito perigoso. Isso já é, para mim, um fato, a guerra, a terceira guerra.

090 – Isso já está cristalizado os mundos internos?

V.M. – Isso faz mais de 20 anos. Os Estados Unidos viram um deserto. Deserto completo. A destruição é total! Sabe como vão ficar os gringos? Pobres e desprestigiados mundialmente, que nenhum país os quer admitir. Desprestigiados. Assim vão ficar os gringos, porque o castigo vem diretamente para eles.

091 – Eles tem uma grande culpa do que se está passando?

V.M. – Homem! A fome, a miséria latino-americana, e todos os países pequenos, são eles. Esses são polvos, são polvos.

092 – Seria interessante intensificar o trabalho nos Estados Unidos?

V.M. – Nos Estados Unidos, sim, para levar a mensagem à muita gente.

093 – Antes que aconteça o que tem que acontecer?

V.M. – Nos Estados Unidos, sim.

094 – Poderia dar-nos um orientação nesse sentido, dos países que mais necessitam do trabalho?

V.M. – Agora mesmo, Estados Unidos e Inglaterra também.

095 – Na Inglaterra também faz falta?

V.M. – Também entra na mesma coada.

096 – Inglaterra e Estados Unidos seria urgente desenvolver, fazer muito trabalho?

V.M. – Sim, sim! Muito trabalho de divulgação e orientar. Aquele que está preparado acolhe de uma vez o chamado.

097 – Recolher as pessoas que possam “prestar esperança”, para que a Lei possa atuar ali?

V.M. – Sim, sim! Porque não podemos julgá-los sem levar-lhes o conhecimento.

098 – E a República da Irlanda, que está o lado da Inglaterra?

V.M. – Também. É que agora os aliados levam a pior, junto com os Estados Unidos. Porém, claro que sobre os Estados Unidos vai cair todo o peso, e é por lei.

099 – E a Rússia vai intervir?

V.M. – A mim me parece que a Rússia, sim, intervém. Ela está agora aguardando, porém se mete. Na hora H se mete.

100 – Que é que vi acontecer? Que pouco a pouco vão se metendo países?

V.M. – Vão se juntando países de lado a lado, até que, por fim, já vai para além, internacional ou mundial. Vai para além, em cadeia.

101 – E este homem Sadam Hussein, o líder dos iraquianos, que parece que se fosse uma “ficha negra” e subesse...

V.M. – É uma ficha negra. É uma ficha negra, um instrumento. Sem instrumento não se pode começar uma guerra. Tem que haver um instrumento e os Estados Unidos e o Iraque são os instrumentos para começar a guerra mundial.

102 – O Congresso da Grécia vai perigar por esse assunto?

V.M. – Eu estou esperando uns dias mais; porém, creio que isto vai fracassar. Não podemos esperar ou mandar muita gente para que fracasse, porque a guerra atômica não se sabe que momento pode ser.

103 – Repercuta na Grécia a guerra?

V.M. – Por toda a parte. Por toda a parte. E os países mais próximos sofrem mais,

104 – E isso não seria bom comentá-lo com as pessoas da Grécia, ou é melhor não dizer-lhes nada?

V.M. – Sim, é melhor comenta-lo. Eu estou par mandar-lhes um comunicado para que suspendam o Congresso, porque não podemos expor tanta vida.

105 – De levar li todo o pessoal do Movimento Gnóstico?

V.M. – Um fracasso! Suponhamos que nós chegamos lá bons e sadios. A contaminação já a vamos levar pra onde formos, porque nos tornamos como epidemia; transportamo-la.

106 – Epidemia química, bactérias, de enfermidades?

V.M. – Sim, sim! De enfermidades que os médicos não vão conhecer sequer.

107 – E estas enfermidades são das armas que vão ser lançadas ou novas que vão aparecer à parte da guerra?

V.M. – Não! Conseqüência da guerra. Aparecerão epidemias... que os médicos vão ficar pequenos, que não são capazes.

108 – E nós?...

V.M. – Aí estão as chaves. Quem prende sua energia, seu Fogo Sagrado, está isento disso. Porque a contaminação entra pelo nariz, o que se inala. Então, a nossa energia três vezes mais forte, mais poderosa que a atômica. Então, ao inalar, não sucede nada. Esse é o Arcano! Aí está o Arcano.

109 – Penso que a Lei terá também um pouco em conta as pessoas...

V.M. – Olha! Agora, sabe o que está fazendo a Lei? Movendo fichas. Uns, para que sucumbam; outros, para tirá-los. Os que não são chamados para sucumbir, tiram-nos daí e assim... Isto está fazendo a Lei nesses momentos. Movendo fichas, movendo fichas!

110 – A Lei, por exemplo, a um adormecido vai tirá-lo do perigo?

V.M. – Tira-o. Se vê que há Essência, que há chispa nessa pessoa, tira-o.

111- Ainda que não se dêem conta?

V.M. – Ainda que não se dêem conta. A esses os movem por impulso: “Ah! Eu me vou fazer tal parte!” Vão, sem se dar conta. Vou transmitir aos gringos o que está passando, porque, se não o faço, acontece-lhes algo que tem que acontecer. Então a cargo meu fica isso por não avisar. Estou entre duas espadas.

112 – É que agora, precisamente, uma companheira que era dali, da Espanha, está na Grécia. Regressa para visitar a família e temos oportunidade de lhe comentar isso e não sabemos até que ponto podemos comenta-lo ou não.

V.M. – Comentem-no!

113 – Podemos dar-lhe par escutar a fita?

V.M. – Sim, comentem-no! Temos que nos dar o aviso uns aos outros, porque, se nós ficamos calados, pecamos também por ficarmos calado, por não irmos avisar.

114 – Porém, não se trataria, Mestre, de sair fugindo do lugar, senão de intensificar o trabalho?

V.M. – O trabalho é o que os tira. Porque o mal o levamos dentro de nós. Temos que procurar tirar o mal.

115 – Que nos pode dizer que nos incentive com respeito ao trabalho?

V.M. – Olha, primeiramente tem que haver um estudo sobre nós mesmos e isso não o vai fazer ninguém por nós. Olhar o terceiro fator, por exemplo, que é o sacrifício pela humanidade. Se os senhores praticam a transmutação devidamente e a morte, nasce o terceiro. Por lei tem que nascer o terceiro, porque já existe uma experiência, algo em nós que o afirma.

116 – Surge a necessidade de ajudar os demais?

V.M. – Claro! Necessidade! Claro! Isso já é como uma obrigação. Isso o fazemos como uma obrigação, Não se pode ficar quieto nem calado. Não se pode! Porque a consciência no-lo martela, no-lo está acusando e caímos no egoísmo. O egoísmo, ante as Hierarquias, é nocivo cem por cento.

117 - A Lei de recorrência como opera nestes instantes? Porque isto se supõe que não é uma recorrência. Ou, sim, é recorrência?

V.M. – Maior parte, recorrência.

118 – Porém, recorrência terá que ser de outro Mahamvantara?

V.M. – De outros, claro!

119 – Porque, em nossas existências anteriores, os tempos do fim não os temos vivido em outras existências anteriores?

V.M. – Todos os que fracassam nesta, fracassaram na Atlântida e na Lemúria e assim vem rodando.

120 – Da antiga Terra-Lua?

V.M. – Claro!

121 – Então, se estamos sujeito à Lei da recorrência, que possibilidade temos de transcendê-la?

V.M. – Para isso é a morte. Para transcender.

122 – E isto já se desenvolveu no interno? Desenvolveu-se tudo?

V.M. – Claro! Lá, sim, está claro!

123 – Então o senhor sabe perfeitamente quem é a pessoa que o sucede ou isso não se vê?

V.M. – Não. Ainda não nasceu!

124 – Não nasceu fisicamente?

V.M. – Fisicamente não. Não se sabe quem é.

125 – Cabe-lhe esperar bastante?

V.M. – Essa é minha inquietude. Que por minha parte eu queria desencarnar já, porque, em realidade, o corpo físico não responde a minha inquietude, não! Não responde! Então, eu necessito trocar de corpo e agora não troco o corpo até que não surja outro.

126 – Cabe-lhe agüentar 15 anos de cruz tremenda?

V.M. – Um martírio! Esse é um martírio para nós.

127 – Como é possível? É que não entendo como as coisas aconteceram já nas dimensões superiores e há coisas que podem mudar?

V.M. – Sim, as mudanças as damos individualmente, não em massa, senão individualmente. Podem estar no Movimento mil – suponhamos – milhões, e, de toda essa montoeira, um pode mudar e muda seu destino, muda tudo.

128 – E mudaria o destino da humanidade também?

V.M. – Não. Muda o seu.

129 – É que o Mestre Samael fazia planos e dizia : “Eu irei às Ilhas Canárias e ali estabelecerei...”

V.M. – Correto! Porém, mudou aí.

130 – Mudaram os planos da Lei?

V.M. – Sim, muda. Isso muda. Os planos da Lei mudam.

131 – Então é que não havia acontecido nas dimensões superiores antes?

V.M. – Olha, quando estava, ia em viagem o Mestre, ele ia terminar seu ciclo de tempo na Serra Mestra de não sei que país, não me recordo. Disse-me:

- Vou me perder da humanidade! – Porque esses eram os planos da Loja Branca – Perder-me da humanidade. Que não saibam se estou vivo, se estou morto, ou que... Disse-lhe:

- Mestre, o senhor se pode esconder de todo mundo, menos de mim. Que é mais. Veja, já estou vendo o lugar onde vai estar o senhor. A casinha, as árvores que há. Há um pinheiro muito bonito; vejo um cerca com arames ao chegar a sua casa. Expliquei-lhe tudo bem. Disse-me:

-Realmente assim é. De ti não me posso esconder; porém, dos demais sim. Não saberão se estou vivo ou se estou morto.

Eu lhe descrevi até o caminho, porque havia um caminho a pé, porque não entrava o carro. Tudo! Expliquei-lhe tudo bem! E reparem, o plano esse mudou. Esse era o plano do Mestre e da Loja Branca nessa época. Mudou tudo!

132 – O plano da loja negra, agora mesmo, qual seria? Levar-nos todos às infra-dimensões?

V.M. – Claro! Arrastar para baixo.

133 – Não se sabe de antemão as pessoas que vão formar parte do Êxodo?

V.M. – Não até agora. Esse é meu trabalho. Ver quais são as sementes que vão germinar. Estou de mãos para cima aí. De mãos para cima.

134 – E não há, Mestre, pelo menos Essências que estejam dentro do mistérios maiores dentro do Movimento?

V.M. – É que não há.

135 – Não há ninguém?

V.M. – Não há! Estão no embrião!

136 – Porém ninguém com o Fogo Desperto?

V.M. – Casualmente, notem os senhores, o objetivo meu dos Estatutos e Regulamentos mais forte é porque há essências maduras, porém, não trabalham. Então, com isso as obrigo a que tenham que trabalhar, que surja algo desta humanidade. Em troca, se eu deixava como ia, nunca se veria um fruto. Nunca! Já vêm os senhores, de mim falaram aqui mesmo, na Colômbia, por causa dos Regulamentos, porém eu não os mudo. Porque isso é para obrigar as pessoas para que trabalhem. Esse é o método.

137 – Seria bom, inclusive, que nos fizéssemos uma proposição, não egoístas, senão no sentido de que o trabalho o temos que fazer cada um de nós. Trabalhar tudo o que podemos; esquecer-nos se o outro trabalha ou deixa de trabalhar?

V.M. – Não. Façam o que fiz eu. Nós éramos como que 60 entre todos os do “Summum” e de todos desgrudei eu só. Calado, eu não me pus a falar, não senhor! Sem fazer bulha, a trabalhar! Concretamente a trabalhar! Desgrudei. Assim o podem fazer os senhores também. Calados, trabalhem! Não somente nos grupos senão em suas casas. Então recomendo muito que não se acostem par dormir como “Pedro em sua casa”, não! Façam um trabalho, em casa, sim, dá melhores resultados os trabalhos. Qualquer trabalho.

138 – Ser capazes de vencer esta preguiça?

V.M. – Isso! Importantíssimo. Sobrepor-se!

139 – Dia a dia?

V.M. – Sim!

140 – Na altura em que estamos, um minuto que percamos...

V.M. – Um minuto!... É que são estragos que acontecem dentro de nós. Por um minuto, observem os senhores, por isso é que a Hierarquia é tão estrita no horário, porque por um minuto se pode perder uma batalha. Por um minuto nos podemos perder. Então, estar sobre a marcha.

141 – O caminho seria agora mesmo deixar tudo; porém, não no sentido de deixar trabalho, nem família, senão deixar todos s demais interesses e centrar-se só...

V.M. – Deixar de lado as nossas aspirações de conseguir dinheiro. De todas as maneiras vai chegar o momento que aquele que o tem, tem que agüentar fome do mesmo modo que aquele que não tem.

142 – Teremos que comer as cédulas?

V.M. – Sim. Essas aspirações de acúmulos de dinheiro são acúmulos nossos, o ego. Trabalhar, porque devemos trabalhar para comer, porque isso é lógico. Se não se como, como se trabalha?

143 – Isso, ademais, é Lei?

V.M. – sim, porém, não com ambições de ocupar o máximo do seu tempo nos trabalhos de conseguir prata e descuidar à Gnose. O trabalho deve ser equilibrado.

144 – E se uma pessoa tem muito pouco tempo livre, qual é a prática que deveria fazer mais?

V.M. – Os Três Fatores. A morte! Básico e fundamental.

145 – Uma pessoa, por exemplo, poderia avançar se não faz a prática da morte todos os dias?

V.M. – Todos os dias. Porém, dedicar-nos a morrer de verdade. Não teoricamente, senão fatos.

146 – Práticas de concentração? Se não temos concentração não fazemos nada?

V.M. – A concentração e a meditação. Importantíssimos. Importantíssimos para o trabalho psicológico. Para a prática do nascer, a concentração e a meditação. A meditação e a concentração são usadas em todas as práticas.

147 – Precisamente, quem sabe, as práticas mis importante são as que mais rechaço produzem no grupo?

V.M. – Sim!

148 – Dizemos: “Vamos fazer uma concentração na chama da vela” e já está todo mundo: “Uf! Na chama da vela!” Choca-lhes. Produz-se uma repulsa.

V.M. – É que podem, por exemplo cada um concentrar-se em qualquer objeto, porém, então que o façam. Não? Faze-lo! Cada qual que se concentre no seu coração e em qualquer objeto que veja por aí. Porém, então fazer a prática de concentração, porque é uma educação da mente. Quando vamos meditar, da concentração à meditação é um passinho, já se entra em meditação. Isso é educar a mente.

149 – Que nos pode dizer da sala de meditação?

V.M. – A sala de meditação não se deve ocupar senão somente par a meditação. Lá não se entra para falar.

150 – Normalmente não se entra para falar em nenhuma sala de práticas. Existe um respeito pela sala de práticas, já seja a normal ou de meditação. Porém, tem realmente algo especial. Existe algum diferença em fazer um a prática de meditação na sala normal e faze-la na sala de meditação, com as vestimentas?

V.M. – Claro! Porque a sala de meditação se vai carregando de energias cósmicas, forças, não? Ao entrarmos na sala, essas correntes cósmicas começam a funcionar em nosso organismo também.

151 – Faltaria algo par que essas forças estivessem ali ou estão em todas as salas de meditação?

V.M. – Em todas, enquanto não as profanamos. Estão em todas as salas de meditação.

152 – Nós, no estado em que estamos, normalmente danificamos esta sala?

V.M. – Nos mesmos nos encarregamos de danificar um trabalho grande.

153 – entramos na sala com a mente solta e...

V.M. – Não, não! Temos que entrar todos com recolhimento. Aí, sim, temos que por mística. Temos que por a mística a funcionar. A mística verdadeira. Todo mundo, em silêncio, vai acomodar-se, entregar-se à meditação sem mais! O instrutor não tem nada que explicar da meditação, porque isso o sabe já todo mundo que entra aí. Então, todo mundo em silêncio, entrega-se a sua meditação, para que essas forças circulem através de nós.

154 – E como fica um grupo que já tenha aberta a sua sala de meditação e fica vazia, porque as pessoas não vão praticar?

V.M. – Bem, se entram um ou dois, que aproveitem!

155 – Um só que entre?

V.M. – Um só que entre, que aproveite! Claro! Aquele que... porque não entrou a maior parte, não vamos nós entrar. Não? Entremos! Pode ser um só, porém, aproveitar essas forças.

156 – Sobre essa pressa, não pressa, porém urgência que temos no trabalho, umas pessoas tem uma inquietude sobre o trabalho com o Arcano. Sempre temos falado que, para poder praticar o arcano, as pessoas devem estar legalmente casadas. Então se pergunta se casais de noivos que ainda não estão casados, porém que, melhor dito, vão demorar algum tempo para casar por algum problema, porque vivem com os pais, não tem dinheiro, ou pelo que seja, estas pessoas podem começar a praticar ou devem esperar?

V.M. – Formar-se-ia um problema, porque isso vai contra o Movimento. Melhor legalizar seu matrimônio. Quanto ao matrimônio, vou explicar-lhes. Isso é um requisito aqui, tridimensional; porque, matrimônio verdadeiro, ante as Hierarquias, é um casal que aprenda a manejar suas próprias energias, a transmutá-las. Lá, isso é o que vale. Porém não a cerimônia que fazem aqui.

Porém, aqui vivemos no mundo tridimensional, onde a Leis também para cumprir, não? Então, sempre é melhor legalizar o matrimônio. Legaliza-lo pra evitar mal entendido das leis ou do público em geral contra a Gnose. Temos que evitar isso.

157 – E também se dá o caso que, é muito freqüente, que nos casais gnósticos há problemas com o arcano por falta de desejo ou frigidez de uma das pessoas. Isso realmente a que se deve?

V.M. – Olha, é que nós nos convertemos em piores que animais. Piores! Para isso vem as “carezzas” ou carícias, antes da união sexual, para se porem de acordo os dois. Porém, se vamos chegar como faz o galo com a galinha... não, não, não!

158 – E se, inclusive, a respeito disto, digamos, algumas pessoas, é muito freqüente, em concreto, de que os casais se queixam de que não vão bem com o Arcano. Isto o que é realmente? Carma por causa do estado psicológico que temos?

V.M. – Isso é falta de um pouquinho de entendimento das cosas e de estudar-se a si mesmo. Todos tivemos problemas por aí. Quando eu comecei a Gnose, eu durava até 6 ou 8 meses transmutando minha energia muito bem, quando de repente, pruumm! Eu me desmoralizava; e quando eu via o Mestre ali na Serra:

- Mestre, que eu não sirvo par a Gnose. Não quero estorvar. Não quero servir de estorvo os demais. Eu sou um elemento que estorvo.

- Que te aconteceu?

- Caí sexualmente.

- Luta que, sim, pode! Dizia-me.

Sempre me dava esta resposta à pergunta que lhe fazia eu. Dizia-me:

“Luta que, sim, podes!” Porém, não me dizia mais nada. Então me pus a me estudar eu mesmo – isto está em Ciência Gnóstica – a me estudar onde estavam as minhas debilidades, porque vinham estas caídas. Pela mente!

No ato sexual temos a mente no sexo oposto e aí se metia a luxúria e... para baixo! Aí mesmo nos espoja... porque nos espoja. Então eu me pus no estudo de mim mesmo até que o corrigi, ou senão não teria dado um passo diante. Corrigi essas minhas debilidades.

159 – E esse estudo, no caso nosso, que estamos tão inconscientes, devemos fazê-lo ainda que a princípio possa ser mecânico, frio ou subjetivo?

V.M. – Subjetivo. Eu comecei subjetivo. Eu, naquele tempo, nem o vi, nem via, nem entendia. Não!? Eu estava começando. Eu o fiz subjetivo e subjetivo me serviu porque descobri debilidades minhas. Então nos vamos descobrindo a nós mesmos. Sim, isto o explico eu na Ciência Gnóstica; ou seja, na Ciência Gnóstica essa parte, melhor dito, eu explico o que me consta. Isso é o bom do livreto, que não há teoria aí, senão por onde temos que passar.

160 – Nós, Mestre, deveríamos fazer agora, com o tema da guerra, campanhas especiais de difusão centradas neste problema? Falando, por exemplo, da Era de Aquário, das profecias, falando de tudo isto?

V.M. – Claro! E falando da Gnose também.

161 – E falando com segurança, inda que nós não tenhamos experiência do que o senhor nos está orientando?

V.M. – Bem, isso dêem-no por fato. Porque as palavras que digam o senhores, explicando, cristalizam, cristalizam!

162 – O trabalho esotérico, ou o trabalho interior, como única alternativa o problema este da guerra?

V.M. – Sim. Não há outro. Não há outro caminho. Não há mais.

163 – E explicá-lo, porém, a vocês, a todo mundo?

V.M. – Claro! Claro! É que não há outro caminho. Já nos cerraram todas as demais portas. Fica-nos apenas a do trabalho.

164 – E estará muito fechadinha, não?

V.M. – Não! Essa sim, está aberta, a do trabalho sim. Porque, agora, aquele que comece a trabalhar tem também as Hierarquias ajudando-o de verdade, de verdade.

165 – Ou seja que, se realmente trabalhamos...?

V.M. – Se começam o trabalho, as Hierarquias começam também a ajudar, porém fortemente, fortemente!

166 – Estão atentas em nós?

V.M. – Claro! Claro! Cremos que estamos sós! Mentiras! Nunca estamos sós!

167 – Queria perguntar-lhe sobre as transfusões de sangue.

V.M. – Isso não se deve fazer. Lígam-se os carmas.

168 – Não obstante, em outras ocasiões explicou-se que, quando existe o perigo de vida ou morte que temos que salvar a vida como for possível e que, sim, temos que aceitar uma transfusão de sangue que depois já se pagará com seu trabalho?

V.M. – Sim, isso se paga. Porém, reparem que esse pacto fica ante o Tribunal com sangue e selado. Então, para romper um pacto desses, temos que ir ao Tribunal.

169 – É muito delicado então?

V.M. – Delicado. Agora, o senhor tem um filho ou sua mulher ou um familiar muito chegado e o senhor não quer que morra, e que, com a transfusão de sangue recobra a vida, temos justificativa. Ah! Temos justificativa, porque o estamos fazendo com boa intenção de ajudar a outra pessoa.

170 – Sempre que exista a certeza de que a transfusão vá ser direta, de pessoa a pessoa?

V.M. – Sim!

171 – Porque, se depois lhe põe sangue de um banco onde...

V.M. – De outro por lá.

172 - ... está misturndo sangue de todo mundo...

V.M. – Sim, sim, já não!

173 – E o seu o metem também a mistura-lo com todo o sangue.

V.M. – Não, isso é problema!

174 – Colocamos sobre nós o carma de todas as pessoas?

V.M. De todas. De todas as pessoas que tenham sangue aí.

175 – Isso é gravíssimo?

V.M. – Gravíssimo! Grave, grave! E isso fica selado no Tribunal. O senhor chega lá: “Venho romper o pacto que fiz com a transfusão de sangue que dei ou me deram.” Lá aparece o arquivo firmado e selado com sangue. Temos que queima-lo. Para que fique desintegrado, temos que queimá-lo. Imediatamente meter-lhe fogo.

176 – Bem, se compartilhamos o carma, também compartilhamos o darma?

V.M. – Não. O carma sim, se compartilha, porém, o darma não.

177 – Já seja que o demos ou recebamos, colhe-se o carma de todas as pessoas...

V.M. – De todas as pessoas que deram sangue.

178 - ... Pelas quais circule seu sangue?

V.M. – Sim.

179 – E como nós estando tão adormecidos, como incorremos nessa... Porque um pessoa está consciente e comete um erro, pois, dependendo de sua consciência assim o exige.

V.M. – Sim.

180 – Porém, nós tão adormecidos como estamos, por ignorância cometemos um erro desse tipo, dessa magnitude...

V.M. – Cobram-no igual!

181 – E não seria, então, carma de alguém, daquele que tivesse que aceitar uma transfusão? Não seria cármico?

V.M. – Eu, num caso desses, falo de mim, que se me tivesse que por sangue, não o permito! Não o permito! Prefiro que o morra!

182 – É que isso é muito interessante!

V.M. – Prefiro que me desencarnem e não ir a uma coisa dessas!

183 – Então, se qualquer um de nós tem um acidente, e nos vão por sangue, 'je preferível encomendar-nos à Lei, ao Pai, à Mãe, antes de aceitar o sangue?

V.M. – Sim, às Hierarquias. As Hierarquias nos podem salvar a vida também.

184 – Claro! Sem necessidade de ter que...

V.M. – Sim. Vejam o acidente que tive eu agora, dias. Sangue? De onde? Não! Eu tive o acidente. Não vêem aqui a cicatriz? Acidentei-me num carro, por ali, por Bucaramanga. Íamos pela costa para passar as feias e de férias foi que... “Taque”! O carro ficou destruído. Mal! Mal! Porém, sangue não.

Eu durei oito dias inconsciente. Oito dias! E sabem? As pessoas não acreditavam que estava tão grave como estava, porque me viam falar e me faziam uma pergunta. Eu contestava corretamente bem. Ninguém sabia. E eu não sabia o que estava passando sequer. Eu não me recordo

do acidente, nem quem íamos do carro, nem que carro era – porque eu tinha dois carro, este que está aqui e outro. Eu não sabia nada. Vim a despertar a consciência, a me dar conta do acidente, foi em casa, após oito dias.

185 – Porém, enquanto isto, o senhor estaria nos mundos internos consciente?

V.M. – Atuava eu pela minha consciência, porque essa era a que me fazia responder e atuar correspondente e ninguém se dava conta que eu estava nessas condições. Ninguém se dava conta. E eu não sabia o que estava fazendo, porém, a consciência ia fazendo... Porque, consciência me ajudou aí, fazendo-me obrar bem, e responder tudo corretamente bem.

186 – E a Lei não protege com o trabalho que tem feito o senhor, com a Consciência que tem desperta?

V.M. – É que a Lei de acidentes está fora da Lei.

187 – Porém, não uma pessoa consciente. Uma pessoa desperta sabe de sobra, intui que tem um acidente.

V.M. – Olha, nós queríamos fica; porém, éramos como seis no carro. “Que não!” Que vamos chegar agorinha! Que vamos para Santa Marta! Que descansamos, que não sei que!...” Aí foi a coisa. Porque nós queríamos ficar em Bucaramanga. Porém, dos acompanhantes nenhum quis e ... bem, dê-lhe! E assim se acidentou o Mestre Samael também; igualzinho aconteceu com Ele, porque se acidentou também por causa dos acompanhantes.

188 – e o senhor, por exemplo, Mestre, não tem capacidade, terá o dom de cura já conseguido?

V.M. – Como?

189 – Capacidade de sanar. Terá já conseguido para ajudar uma pessoa sanar? Não obstante, não pode utilizá-lo consigo mesmo?

V.M. – Não. E que faculdades nunca nós as usamos par nós. Uma faculdade é par servir, para ajudar aos demais. Porém, não para nós.

190 – É que lhe vou contar, por exemplo, o que me comentou uma pessoa dos cursos, estando ali, numa cidade. Que, se o senhor estava tão enfermo, como um Mestre poderia estar tão enfermo? Dizemos às pessoas que com o arcano o elixir da eterna juventude...

V.M. – Há processos. Há processos. Por exemplo: A qualquer momento um dos senhores, ou a mim, a qualquer um, vai-se ganhar uma iniciação, um grua, uma faculdade, o que seja. Primeiro nos cobram e nos passam pela dor. Coisas das quais não nos podemos evadir. Temos que passar por aí para que tomemos consciência; e, quando nos façam o pagamento, já saibamos cuida-lo, porque isso nos custou muita dor.

Por isso, as Hierarquias nos poderiam dar tudo assim. Porém, então, para que nos façamos conscientes de que isso nos custou lágrimas e dor. Assim aprendemos a cuidar do que recebemos. Nunca vem um grua só. Jamais! Senão, temos que passar pela dor primeiro. Isso está fora de regras.

191 – Nós nos teríamos que alegrar, então, quando chegue a dor?

V.M. – quando chegue a dor, temos que abraça-la muito bem, em vez de fugir dela, enfrenta-la ou vencer. Porém, não fugir. Porque as pessoas, a maior parte, fogem da dor. Na! A nossa dor vem o pagamento. Vem o pagamento inevitavelmente.

192 – Trabalhos conscientes e padecimentos voluntários?

V.M. – Claro! Assim é. Chega um momento... Vejam! Estava morrendo; então não me... Não? “Encarregar a vontade de Deus e não a minha.” Já nos entregamos com alma e coração, sem protestar e sem nada.

193 – O que acontece é que, às vezes, se torna um pouco difícil separar-se da dor ou do sofrimento, porque somos eu, somos o eu. O eu sofre, ao eu lhe dói...

V.M. – Sim. Porém, quando adquirimos algo de consciência, não damos bolas ao eu; entregamos nos braços do que verdadeiramente, daquele a quem nos devemos entregar, que é a vontade de Deus.

Notem, no caminho iniciático, no caminho direto, ficamos abandonados de tudo. De hierarquias, de estudantes, de tudo. Ilhados totalmente, completamente, e não voltamos a ver uma cara humana, nem um canto de galo, nem um ladrido de cão, nem nada. E passam anos e anos, e anos assim, nessa situação. O único que não nos abandona nesse caminho é o Pai e a Mãe individual. Esses, sim, pedimos e aí estão. Eles não se deixam ver.

Eu me recordo quando escolhi o caminho que, já me meti por... –porque sou eu um pouco atrevido, agrada-me a investigação – eu me meti, deixei as Hierarquias de lado, família e tudo: Bem, deixem-me, que eu sozinho chegarei o Pai!

Vai-se acabando o caminho; uma lombada que não se via nem o caminho, uma trilhazinha. Iam ficando as roupas desgarradas, as sandálias acabaram. Olhava eu para trás. Ia deixando um rastro de sangue e espinhos e tudo, por onde passava.

Quando já me havia esgotado, que eu caí ao solo, que já não podia parar de pé, apareceu uma árvore de pinho, porém, gigantesca, linda. E eu sabia, por minha intuição, que, chegando a esse pinheiro, orando debaixo do pinheiro, eu recobrava outra vez minhas forças. Tudo! E como podia me arrastava, como podia chegava eu até o pinheiro. Contra o tronco me sentava para orar. Levantava-me novinho para seguir outra vez. O Pai parecia aí, em símbolo de pinheiro.

E assim foi que pude fazer esse percurso do caminho. Porque eu fiz, essa noite todo o percurso. Eu o fiz, nessa noite, muito consciente de tudo. E o único que não nos volta as costas é o nosso Pai e a nossa Mãe individual. Eles, sim, estão aí, como um tronco. Porém, o resto se esquece de nós.

194 – Se um de nós está, digamos... poderíamos suplicar a nosso Pai que nos obrigasse a fazer o trabalho, a fazer o caminho?

V.M. – Sabem que fazia eu? Estou narrando aos senhores a experiência que vivi. Eu sempre pedia ao meu Pai forças: Dê-me forças! Necessito de forças! De tua ajuda, por meio da força, para poder seguir o caminho. E essa é uma petição bem feita.

Reparem que essa petição – eu estava no México com o Mestre – quando me disse:

- Recorde-se que esta noite, à uma da manhã, é a grande cadeia ante o Logos do Sistema solar. E lhe disse:

- Bem, Mestre! Fomos.

Então se meteu o assunto de chamar o grupo salvadorenho que era bastante grande. Disse:

- Eu quero, Mestre, que cheguemos com o grupo salvadorenho lá! Disse ele:

- Deixa-o! Que eles se aproximem! Disse-me o Mestre. Disse eu:

- Não! Eu quero chamá-los! E comecei a chamá-los e entramos um pelotão grande.

Fizemos uma grande cadeia. Imensa. Então o Logos do Sistema Solar p que é um meninzinho que não podemos olhar, porque é pura Luz que nos transpassa todo – ele vai de uma a um:

- Filho meu, pede o que tu queres, porque te será concedido! Diz.

Então eu, nessa noite, quando me tocou a vez de pedir, eu pedi força unicamente. Necessitava de força para seguir o caminho.

O Mestre Samael se espantou ante esta petição e me disse, no outro dia:

- Tu, por que não pediste dinheiro ou outra coisa senão força?

- Sim, eu necessito é da força, não mais! Eu necessito é da força. Eu não necessito de mais nada, senão da força para poder continuar! E é uma petição bem feita. Se essa petição a faz o nosso Pai e a nossa Mãe, é muito bem vista. Então nós temos a ajuda permanentemente assim, porque sabemos pedir.

195 – Essa noite é especial? A noite de 26 a 27?

V.M. – Sim. Á uma da manhã.

196 – À uma. E a pessoa que esteja desperta, que não esteja dormindo nestes instantes?

V.M. – A parte interna vai.

197 – Isso é para os membros do Movimento?

V.M. – Para todos os membros do Movimento.

198 – E nós podemos, com nossa atitude no plano físico, condicionar esta petição? Se nós fazemos o propósito de pedir força e pedimos o Pai e à Mãe que nos ajudem para que peçamos força, podemos realmente pedi-la?

V.M. – Claro! Essa é a melhor petição vista pelas hierarquias, é essa porque nós necessitamos é de força. Tendo a força, chega-se onde seja. Sim ou não? A mim me ocorreu, nessa noite, e essa foi minha petição. Pedir força, não mais.

199 – Haverá muitas pessoas que peçam o cônjuge?

V.M. – Veja. Lá se ouve coisas tão absurdas que nos dá vergonha. Pedem pra comprar uma terra, pedem pra comprar gado, pedem para comprar mula, que um cômjuge, um cômjuge. Enfim... Não, homem! Sua-se. Eu suei de angústia. Dá vergonha, ante grandes Hierarquias, pedindo coisas materiais. Não é como pedir força. Essa é a melhor petição que pode fazer uma pessoa, um estudante.

200 – É que todo o demais vem por acréscimo?

V.M. – Claro! Tenha-se força e aí abrimos caminho por onde seja. Falha-se quando nos falta força. Porém, tendo força, temos tudo na mão. Tem vontade e tem tudo. Então petição é essa.

O Mestre, no outro dia da cadeia, da grande cadeia, me disse:

- Tu, porque não pediste comodidades econômicas, outras coisas, porém, força? Disse-lhe:

- Claro, Mestre, porque eu necessito da força para seguir e isso é o que necessitamos todos. É força. Se não há força para seguir, não há nada! E então essa a temos; pedindo-a, temos-a permanentemente, porque é uma petição bem vista ante as Hierarquias.

201 – Também nas cadeias que se fazem nos Centros?

V.M. – Também. Pedir força!

202 – Para o Movimento? Par os grupos?

V.M. – Pelos grupos. Pedir força.

203 – O casal, ou duas pessoas, deveriam fazer também depois, cadeias em sua casa?

V.M. – Claro!

204 – É que ás vezes, temos medo de fazer, melhor dito, muitas cadeias, porque se mecaniza.

V.M. – Temos que por toda a fé. No momento de cadeia esquecer-nos de todo o demais; senão: vou fazer isto, isto e isto!

Vou contar-lhes, agora, da enfermidade esta em que eu estive tão grave, pois já lhes disse que me desencarnaram, não? Havia várias pessoas ali. Estavam Alba e Lucho e Pascoal, outro filho meu. Puseram-se a fazer uma cadeia de cura. E eu, no recinto onde estava, eu vi que não cabiam os médicos e as enfermeiras, por causa da cadeia que estavam fazendo.

205 – Porém médicos do interno? Mestres do Interno?

V.M. – Interno. Tudo do interno. Porém eu o via materialmente com injeções. Médicos de verdade, todos vestidos de branco. Enfermeiras e médicos. Porém era que não cabia no recinto. Então, quando eu despertei, que já voltei, perguntei se havia estado algum grupo de médicos ali. Disseram-me: “Não!” É Tudo interno. Porém, observem o que é uma cadeia bem feita.

206 - Bem feita?

V.M. – Claro!

207 – Aí está o problema também, porque nos pomos a fazer uma cadeia... deixando a mente solta.

V.M. – Ah, não! Não há concentração. As coisas ficam mal feitas. Concentrar-se no que se está fazendo, isso é o que se necessita.

208 – Inclusive a falta de respeito para com os Mestres?

V.M. – Claro! É que a falta de concentração é grave par nós. Olha, vou contar-lhe uma história que me aconteceu no, México. Eu fui pouco amante da leitura. Escolhi o Matrimônio Perfeito, recém saído, e escolhi os nomes de uns Mestres para o estado de Jinas. Anotei-os num papel e os aprendi. Disse:

- Vou começar com o estado de Jinas para ver.

Penho-me a invocar um Mestre à noite. E eu, boca para cima, concentrado. Cansei de boca para cima e me voltei meio de lado, para o lado da parede e segui já mecanicamente, a minha mente voando para todas as partes. Invocando eu o Mestre de uma forma completamente mecânica, sem concentração. Quando, ao cabo de algum tempo, sinto que algo me tocou aqui, no ombro, porém, suave, de uma suavidade bastante... Eu estaria tão distraído? Minha mente voando que de repente soltei uma cotovelada. “Ah! Não incomode!” Assim, assim como estou contando. Observem o que é fazer as coisas sem concentração, senão mecânicas. Então, quando eu fiz isso, soltei a cotovelado e disse que não incomodasse. Voltei-me para ver. O Mestre sorriu. O Mestre invocado sorriu e se retirou. Que ia fazer com um adormecido, com um tipo mecânico aí?

Eu nunca voltei a invocar o Mestre. Eu não quis voltar a invoca-lo, porque me dá vergonha ainda. Porque? Por estar a mente solta, voando. E por isso perdemos quantidade de práticas, por isso perdemos quantidades de práticas, por fazê-las mecânicas. Fazendo a prática e a mente voando. Mecanizado totalmente. Isso não dá resultado assim.

Quando os senhores vão fazer uma prática, concentrem-se na prática; porém, não deixem a mente voando, porque fica como se nada, como se não fizéssemos nada; por isso não dá resultado. As práticas falham é por isso, por falta de concentração, dedicação no que se está fazendo.

Temos que explicar ao estudantado que todo mundo se proponha a por a concentração no que esteja fazendo. Seja prática que seja, sempre se necessita de concentração, par não deixar nossa mente voando. Porque isso é o que se faz, nos deixa cometer erros. Vejam o erro esse que cometi eu com esse, Mestre, por causa da mecânica, fazendo uma coisa e pensando em outra. Que resultado pode haver? Nenhum! Nenhuma prática. Assim o Arcano, a morte. Tudo necessita da concentração. Tudo!

O Mestre explicava isto: Dedicar a cada coisa a seu tempo. Que é isso? Concentração. Outras coisas que adotou Ele. Eu falo da concentração, porque nos dedicamos ao que estamos fazendo. O Mestre dizia que... fazendo uma lista do que se ira fazer nos dia e a cada coisa dedicar seu tempo. Claro! Concentração, em outros termos, porém, é insinuar a concentração. O Mestre é muito sábio, mudava a terminologia e todas essas coisas, porém, significava a mesma coisa.

209 – Para uma, digamos, consciência desperta, como a do senhor, conviver com pessoas como nós, que somos criaturas mecânicas, supõe realmente um esforço?

V.M. – Sim, necessita de um esforço. Um coisa na qual temos que estar tentos. Temos que ter em conta, por exemplo, nestes casos, como estamos na atualidade.

O senhores verão a mudança da minha voz e eu o sinto quando o Mestre tem que sir para atender seu trabalho lá. Então já o veículo muda e aí é quando podemos cometer erros.

210 – Refere-se ao senhor?

V.M. – Sim. O Mestre Interno sai para um chamado que lhe fazem do Tribunal para seu trabalho. Por exemplo, há um julgamento ali. Esse julgamento não se efetua enquanto não esteja completa a equipe.

211 – Os 42 Juízes?

V.M. – Claro! Então, se falta um, chamam-no! Vai. Então já se muda de atitude. Tudo! Tudo aqui. Até a força e em tudo se vê a diferença que há. E aí é onde, ao fazerem uma pergunta, pode-se cometer um erro. Por isso é que temos que corrigir, muitas vezes, muitas coisas. Por isso.

212 – Bem. E não está por um lado, o Real Ser, o Mestre Interno, a Mônada, e por outro lado o Boddhisattwa?

V.M. – Não. É que a Mônada não tem nada que ver aí, nesse campo. Porque ela transmite ao nosso Íntimo, ao nosso Mestre Interno, e o Mestre é que atua. A Mônada não tem nada que ver aí. Isso vem de um para outro e para outro e assim.

213 – Então, os trabalhos que realizam os Juízes no Tribunal é o trabalho dos boddhisattwas?

V.M. – Claro!

214 – E boddhisattwas que estão caídos?

V.M. – Olha, dêem-se conta, não? É que o Mestre nunca cai. Cai o Boddhisattwa. Se se roda, pois, não tem muita importância. Porém, lá, uma noite cheguei, estavam num julgamento e o Mestre Rabolú estava fazendo as vezes de um advogado. Eu cheguei como a uma grade. Cheguei e pus muito cuidado na defesa que estava fazendo o Mestre Rabolú. Prestei muita atenção. E então vi a diferença que há entre o Mestre e o Boddhisattwa. O Mestre a sabe de trás para frente. Tudo! Porém, necessita da experiência daqui, da experiência para que fique completo tudo.

Então eu vi deficiente a defesa que estava fazendo. Deficiente. Notava eu algo como deficiente, que faltava. Eu me intrometi; então, o Mestre se incorporou. Então experiência daqui e com a de cima se combinam e aí sim. Aí foi onde me vim dar contar de que nosso Mestre Interno necessita da experiência daqui também. Por isso eles mandam seu Boddhisattwa para que faça uma experiência. Então, sim, fica completo.

215 – Porém, o boddhisattwa pode fracassar, não?

V.M. – O boddhisattwa pode fracassar. Então o Mestre o que faz é recolher os extratos anímicos de todo o bem que fez o seu boddhisattwa aqui em baixo. Absorve-o ele e se perde o demais.

216 – Está sem auto-realização. Enquanto o boddhisattwa esteja caído a Mônada está sem auto-realização?

V.M. – Não, claro! O que estamos fazendo é um percurso, vencendo leis, para que a grande lei se possa incorporar. Porque a grande Lei já recolhe a Mônada. A Mônada já é um instrumento da grande Lei, de uma manifestação que não está dividida em Leis. O Íntimo, todas essas partículas que pertencem à Mônadas estão sujeitas a Leis.

217 – Nós temos entendido que, quando um Boddhisattwa ou quando uma Mônada se auto-realiza uma vez, ainda que o Boddhisattwa esteja caído, sempre, sempre volta a se levantar.

V.M. – Sim, volta a se levantar. Porém, então, a esse Boddhisattwa não o deixam levantar tão facilmente. É a Lei da Katância.

218 – O carma dos Deuses?

V.M. – Veja quantos, podemos falar-lhes de séculos, viemos com o Mestre Samael, lutando ambos para nos levantar e a Lei da Katância chegava em certa parte. Prruumm! Par baixo! Outra vez a perder esse corpo e voltar n próxima vida para nos encontrar e trabalhar, e voltar a Lei da Katância. Para baixo! Porque a Lei da Katância é tão pesada e tão exigente que é melhor o carma comum e corrente e não ser um Boddhisattwa, porque essa Lei pesa demasiado. São séculos que se demora para se levantar. Séculos!

219 – Porém, também, quanto mais baixo chega, mais alto sobe depois?

V.M. – Claro! A experiência é muito maior. A experiência é muito maior!

220 – Existe algo que não entendemos; e é que, quando um “atira a pedra” sete vezes, cai sobre maldição.

V.M. – Maldição, sim! Já se converte em vício. Então já perde o respeito às Leis e a tudo.

221 – Que seria aí? Um mago negro?

V.M. – Um mago negro. Converte-se num mago negro.

222 – Tremendo!

V.M. – Sim.

223 – Porém, para sempre, jamais, não pode ser, não?

V.M. – Sim. Se se chega a esse abuso, sim; isso é um abuso já.

224 – O Absoluto é infinito?

V.M. – Sim.

225 – O Ser é infinito. A sabedoria do Ser, a felicidade do Ser, seriam infinitas também?

V.M. - É que, olhe, uma coisa é o Ser. O Ser chegou ao Absoluto com toda sua experiência. Porém, os senhores crêm que o Absoluto é o máximo da Sabedoria? É a primeira escala da sabedoria!

226 – A sabedoria não termina nunca?

V.M. – Nunca, nunca!

227 – Não tem fim?

V.M. – Jesus, o Cristo e todos seguiram estudando daí para cima.

228- Quantas vezes se levantou Jesus, o Cristo?

V.M. – Que eu saiba uma. Uma. Praticamente Ele veio como Dhyani-boddhisattwa; não como um boddhisattwa comum e corrente. Como Dhyani-boddhisattwa.

229 – O Mestre Samael, se levantou três vezes?

V.M. – Sim.

230 – Esta é a terceira vez que se está levantando?

V.M. – A terceira vez e já não faz mais. Porque, em realidade, evita um problema, que se vai viciando estar botando a pedra, atirando a pedra.

231 – Ele saiu já da capela da Segunda Montanha e está na Terceira já?

V.M. – Sim, virá; já lhe cabe vir terminar a Segunda Montanha. Terminar, porque já é o nosso trabalho mais sutil.

232 – Na Segunda?

V.M. – Na Segunda, porque aí temos que desintegrar o eu-consciência.

233 – Não desintegrou ainda?

V.M. – Não. Em parte, não mais.

234 – Então, o Mestre Samael não encarnou o Cristo?

V.M. – Ainda não. Em parte sim, está encarnado o Cristo. Porque o Cristo encarna em nós como qualquer criança e vai crescendo, vai se desenvolvendo pouco a pouco, de acordo com o nosso trabalho. Porque o Cristo entra em nós como embrião, pequenino.

Isso experimentei eu a noite em que escolhi o caminho direto, quando encarnou o Cristo em mim. Todas essas coisas eu as digo por consciência.

Eu O recebi nos braços meus. Um menino belíssimo! Vivo. Quando se incorporou em mim, eu já me sentia dono do universo, com todos os poderes e tudo. Porém, esse menino necessita de seu alimento e é o amor pela humanidade, pelos demais, o amor. Esse é o alimento dele. Então segue crescendo e se desenvolvendo e se manifestando à medida que vamos trabalhando, até que chega a se converter, no Cristo verdadeiro.

Então, em Samael não está em desenvolvimento total do Cristo, porque lhe falta terminar esse pedaço da, Terceira Montanha que lhe fico faltando. Ele tem que vir para continuar essa Obra, par termina-la e aí sim, ficará um Cristo Cósmico. Esse trabalho o realiza Ele com múmia; e eu conheço muito bem a múmia. Bem, bem a conheço!

235 – Ele continua ali, na Índia?

V.M. – Sim.

236 – No Tibet?

V.M. – E ele usa seu turbante e tudo. Igualzinho! Uma vez que eu o acompanhava, seguidamente se metia na múmia, e si para dar-lhe aquecimento, como a um carro. Saíamos pelas ruas caminhar, e ninguém... Nem voltavam para olhar sequer.

237 – Porém, saia por aqui, pela América do Sul?

V.M. – Não, não.

238 – Ali na Índia?

V.M. – Sim, na Índia.

239 - Porque ia o senhor visitá-lo?

V.M. – Eu ia, por exemplo, em corpo astral, porém consciente, como estava agora. Então me convidava para que fossemos dar um aquecimento à múmia e a tirava. Ele me dizia: “Toca-a!” Antes de incorporar-se nela. “Toca-a!” E a tocava. Um calor como de um ser humano vivo.

240 – Porque Ele também estava no interno.

V.M. – Ele também... porém, quando se incorporava na múmia, podia sair.

241 – Dava-se um passeio pela rua?

V.M. – Sim, tranquilo!

242 – Também nos foi dito que Jesus, o Cristo, está agora mesmo nos Estados Unidos, fazendo missão.

V.M. – Ele está vivo com seu mesmo corpo. Está vivo.

243 – Trabalhando pela humanidade?

V.M. – Claro! Ele não deixou de trabalhar um dia, um instante.

244 – Porém, o senhor disse antes que Ele está trabalhando também no Absoluto?

V.M. – Sim. É que ele entra e sai do Absoluto a hora que quiser.

245 - Ou seja: Quando uma pessoa chega ao Absoluto, pode tornar a sair?

V.M. – Tem as portas abertas. As portas abertas. Esse não está preso em nenhuma parte e se pode manifestar ao mesmo tempo em muitíssimas dimensões.

246 – E o trabalho dentro do Absoluto continua sendo os Três Fatores?

V.M. – Não. Ao entrar no Absoluto, já fica proibido o nascer. Então, o trabalho daí para cima, quem vai explicá-lo? Um trabalho que já é muito sutil, muito fino. Eu não explico que trabalho há lá. Eu não me recordo.

247 – Isso não o pode investigar, claro.

V.M. – Não, não, não! Para isso temos que ganhar o Absoluto e começar o estudo daí para cima. Começar outra vez.

248 – Haverá coisas que nós, ou que Mônadas, nunca, nunca cheguemos a saber?

V.M. – Não. Daí para cima isso não o vi investigar qualquer cabeça de vento.

249 – Sempre haverá coisas ocultas para todo tipo de manifestação?

V.M. – Sempre, sempre!

250 – Um das coisas que nós não entendemos com a mente tridimensional é o porque tem que existir a dor. O porque da necessidade de toda a criação. Porque o eu é a imperfeição? Porém, a imperfeição, por sua vez, saiu da perfeição? Porque o eu sai do Absoluto como todo o demais?

V.M. – Não. O eu se forma quando já começamos a nos mecanizar, quando já não fazemos a vontade do Pai, senão a nossa vontade. Então já se divide por leis o Raio da Criação; e quanto mais baixo, mais dividido está o Raio da Criação. Então, mais mecânicos, mais violadores das leis e te que se forma o ego.

251 – Pode acontecer algo na vida que o Absoluto não queira que aconteça?

V.M. – É que não quer nada de dor para nós. A dor é por causa da nossa mecânica.

252 – É que nós, quem sabe, tenhamos a idéia de que a divindade faz tudo. Ou seja, Tanto o mal quanto o bem saem da divindade.

V.M. – Não, o bem. Porém, o mal não. Ali, nem a sombra do mal.

253 – E o mal, donde sai então?

V.M. – O mal está na nossa mecânica.

254 – Porém, não pode surgir, não pode sair do nada.

V.M. – Não é do nada. É de nós.

255 – É que o próprio guardião do umbral é uma das partes do Ser?

V.M. – Sim, sim, sim! E cada um cumpre sua função.

256 – Então, sendo guardião do umbral uma das partes autônomas e auto-conscientes do Ser, como ser a viva personificação do eu psicológico?

V.M. – Porque cada partícula dessas está cumprindo uma missão em nosso favor, sempre.

257 – Isso sim!

V.M. – Em favor!

258 – Ai, sim, se vê um sentido no eu.

V.M. – Claro! É que eu, por exemplo, conheci meu Lúcifer. Eu teria por í uns 5 nos ou 6 nos; eu o conhecia ou o conheci.

Naquele tempo ninguém sabia. Todo mundo era católico e ninguém sabia de esoterismo nada. Então eu, todas as noites, saía em corpo astral, porque eu me concentrava – tinha muito medo dos grilo, tinha-lhes um medo, porém terrível – então eu me cobria bem, e esses grilos cantando lá fora e eu me concentrava no som dos grilos, no canto, pelo medo que lhes tinha e saía; desdobrava-me consciente.

E eu via Lúcifer, abaixo, com uns cornos longos, brilhantes; negros e brilhantes – brilhavam-lhes os cornos – e tremendo rabo. Todo, todo eu o via.

Ele me queria pegar pelos pés e eu encolhi os pés, quando voava muito baixinho, e encolhia os pés e dizia: Ai, Virgem Santíssima! Até que já passava por um vazio que me via que ficava atrás e dizia: Ai! Graças a Deus que não me pegou!

E esse tragédia era todas as noites, cumprindo sua missão para que eu buscasse a parte espiritual. Sempre o temos r do diabo; então nos faz buscar a parte espiritual. Cumpre sua função.

259 – Como?... Por exemplo, o Anjo Sakaki, quando se equivocou, a nos deixar tanto tempo órgão kundatiguador, isto não estava previsto pelo Absoluto que acontecesse?

V.M. – Não. O que aconteceu é que ele se passou nos cálculos matemáticos.

260 – Porém, tornasse totalmente difícil entender como o Absoluto se pode enganar.

V.M. – Não. Porque, reparem nesses casos, por exemplo, o anjo de que me fez menção, tem faculdade para decidir e por isso está pagando seu carma.

261 – Porém, o Absoluto não conhecia previamente o que ia acontecer?

V.M. – Não, não, não!

262 – E, ademais, é uma recorrência, simplesmente do que se passou num passado também?

V.M. – É que a nós o anjo tinha que nos plasmar, porque, nessa época, morríamos em massa e se nascia, e não havia uma consistência, mente plasmada. Éramos como sonâmbulos, falemos assim. Então, o trabalho do Anjo era para que nos plasmássemos e soubéssemos o que estávamos fazendo, sob a responsabilidade de cada um. Porém, então se passaram lá... aí um erro.

Olhe, nós queremos exigir muito de um Anjo. Não chegou à Perfeição ainda. Ai está porque ficam como Anjos, porque crêem que chegaram ao topo e não olham a “outra face da lua”. Então temos que passar do estado angélico. Temos que passar. O revolucionário não fica contente com isso, porque nota que existe o eu-causa ainda, e este eu causa nos faz cometer erros.

O anjo vem; e se ficam aí como anjos, crêem que esse é o topo? Mentiras! Temos que seguir aperfeiçoando-nos, para não cometer erros mais adiante, porque essa é a liberação com os três fatores. É indispensável para todo mundo.

263 – Para os espanhóis, em concreto, que estamos perto da guerra e tal, dizia que os Estados Unidos e a Inglaterra estavam muito mal. E nós? Na Espanha, como andamos? Há muito perigo por aí?

V.M. – Olha, o perigo da guerra é mundial. Este nos cerca, estejamos longe, como seja, nos chega. As conseqüências as vamos sofrer todos. Em geral, todos. Não é a Espanha, nem os países que estão perto, senão todo o mundo. Todo o mundo. Aí não há exceção. A exceção a fazemos nós com o trabalho dos Três Fatores.

45

Eu quisera convidar, por exemplo, os irmãos espanhóis para que entrem de uma vez por um caminho prático. Deixem de teorizar. Que a teoria não nos leva a nada. A nos confundir, porque nós, com o raciocínio, muitas vezes não entendemos. E este ensinamento é para trabalhar. E então, do trabalho vamos tirando os resultados do que se quer investigar ou se quer saber.

NÃO É DE DISCUTIR UM LIVRO. NÃO! VAMOS AOS FATOS! REPAREM, POR EXEMPLO, COMO ME DESPRENDI EU? POR MINHAS PRÁTICAS. PORQUE EU, DOS LIVROS DO MESTRE, QUAIS LI? LI TRÊS LIVROS, TRÊS LIVROS DOS PRIMEIROS E EU ME ENCAMINHEI. COMECEI A PRATICAR E COMECEI A ADQUIRIR CONHECIMENTO PRÓPRIO; QUE É O QUE CADA UM, CADA ESTUDANTE DEVE TER. PORÉM, CONHECIMENTO PRÓPRIO. E É ELE QUE NOS SERVE. NÃO O CONHECIMENTO ALHEIO. SENÃO O PRÓPRIO. ENTÃO, O PRÓPRIO SE CONSEGUE COM OS TRÊS FATORES, METENDO-SE A TRABALHAR.

EU LHES SUPLICO QUE COMECEM VERDADEIRAMENTE A TRABALHAR. NÃO PERCAM UM INSTANTE ME PRATICAR. A MEDITAÇÃO, CONCENTRAÇÃO, É MUITO IMPORTANTE PARA ACRESCENTAR-LHES ISSO AO TRÊS FATORES. PORQUE EM TODO O TRABALHO COM OS TRÊS FATORES NECESSITAMOS DA CONCENTRAÇÃO E DA MEDITAÇÃO. ENTÃO, METAM-SE POR AÍ E VERÃO.

264 – E o astral também, não?

V.M. – Claro! O astral pode ser um acréscimo. Porque, para sair em corpo astral, tem os senhores que se concentram inevitavelmente. Então, com a concentração os senhores conseguem tudo que querem. Porém, isso sim n prática! Não percam um instante, rapazes!

E aos espanhóis, a todos em geral, suplico-lhes de coração que chegou o momento crítico para a humanidade e devemos buscar a salvação dentro... e cada um de nós. Aí está, que é praticando! Do contrário, perdemos o tempo. Eu necessito que germinem essas sementes que estão maduras, porem, não começaram o trabalho. Temos que começá-lo com fatos! Já!

265 – Muito Obrigado!